

AS APROPRIAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

Isáide Bandeira da Silva
Pós doutora; Universidade Estadual do Ceará (UECE);
isaide.bandeira@uece.br
Allan Jonhnatha de Paula Sampaio
Graduando; Universidade Estadual do Ceará (UECE);
allanjonhnatha@gmail.com
Márvia Moreira do Nascimento
Graduando; Universidade Estadual do Ceará (UECE);
marviamoreira@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho socializamos uma pesquisa de Iniciação Científica que teve como objetivo compreender as apropriações do livro didático de História no cotidiano escolar do Sertão Central do Ceará. Tivemos como campo de investigação três escolas públicas estaduais localizadas em três municípios da região: Liceu de Banabuiú, Liceu de Quixeramobim e Escola Estadual de Choró. Partimos das seguintes indagações: Qual é a abordagem historiográfica e metodológica que permeiam os livros didáticos adotados nas escolas pesquisadas? De que forma esses livros didáticos de História são explorado na sala de aula pelos professores e alunos? Que lugar o livro didático de História ocupa no Ensino de História destas escolas? Dialogamos com Bittencourt (2004), Silva (2014), Munakata (2016), Rösen (2011), Fonseca (2010), dentre outros autores, que pensam o livro didático como elemento complexo e que sofre apropriações conforme seu uso entre os sujeitos no cotidiano escolar. Nossa pesquisa evidencia um paradoxo: os livros adotados são como fio condutor das aulas, em geral, com a leitura do texto principal de cada capítulo, entretanto, são pouco explorados, a partir de seus elementos constitutivos, como as imagens, seções e atividades.

AS APROPRIAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO

Ao longo de três meses de pesquisa, presenciamos em três colégios localizados em distintos municípios do sertão central do Ceará múltiplas realidades e contextos que permeavam nosso objeto de pesquisa: os usos do livro didático. Pensando essa conjuntura, é importante salientarmos que o livro didático em si não foi um objeto isolado para análise. Ele sempre foi pensado em consonância com o que lhe rodeava, como era apropriado e como era seguido em seu discurso. O que se observou foi uma visão do livro didático como detentor de um discurso suficientemente claro para ser repassado sem qualquer objeção a ser feita. O que vimos por parte de professores e alunos nas aulas de História observadas foram os fatos contidos naquelas páginas, e não a produção historiográfica por trás delas.

No que concerne a ideia de História em consonância com o livro didático, grande parte dos alunos compartilhavam uma ideia de uso passivo do livro, tanto é que reproduziam seus textos tal qual liam, o que segundo Rusen (2011) não pode ser considerado aprendizagem¹, visto que não envolve apropriação do conhecimento (BRASIL,1999, p.289)². A História escrita no livro didático foi contemplada por eles sem pensar sobre como aquilo foi escrito, planejado ou estruturado daquela maneira. Nessa perspectiva, o ofício do historiador em sala de aula enquanto professor se faz necessário para a reflexão acerca da produção da obra didática ali empregada, assim como o uso que se faz do livro didático pode propiciar uma formação crítica e consciente ou desenvolver abordagens que não representam nenhum sentido para o aluno (D’SOUZA 2015)³, fato esse que ocorre pela autonomia de trabalho do professor (FONSECA, 2010)⁴. Coadunamos com Silva ao afirmar que:

[...] o uso do livro didático pelo professor está relacionado à forma como o professor entende que o sujeito aprende, portanto essa compreensão conduz seu ensino pois, não podemos esquecer que o livro didático de História pode até nortear o ensino, porém não o determina, pois a forma como o professor o utiliza é que lhe dá vida no cotidiano escolar. (2014, p. 321)

PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO

¹ Discussão de Rusen sobre a aquisição da aprendizagem: Pode-se adquirir novos conhecimentos na maneira como alguém vê televisão passivamente, adquirindo algumas informações históricas com uma nova informação pertencente à história. Isto pode ser identificado como aprendizagem, mas na verdade é apenas a repetição daquilo que já se sabe e, portanto, não abrange o desenvolvimento real da aprendizagem. (RUSEN, 2011, p.89).

² Somente quando se dá essa apropriação e transposição de conhecimentos para novas situações é que se pode dizer que houve aprendizado. Do contrário, o que se dá é um simplório mecanismo de memorização, através do qual as fotos, mas não as ideias, circulam de uma folha de papel a outra, do livro didático para o caderno e do caderno para a prova, caindo em esquecimento no dia seguinte, por não encontrarem ressonância nem fazerem sentido para quem lê, fala, ouve ou escreve.

³ As maneiras de usos do livro didático pelo professor podem gerar “desde um conhecimento que não têm nem um sentido para o aluno, até a possibilidade de trabalhar conhecimentos que contribuam para a formação mais crítica e consciente, pois há estreita relação com suas experiências e sua realidade”. (D’SOUZA, 2015, p.137)

⁴ Os professores têm autonomia ante as demandas do Estado, da sociedade e dos meios de comunicação; assim, questionam, criticam, subvertem os saberes e as práticas no cotidiano escolar (FONSECA, 210, p.06).

Mesmo sabendo da importância do PNLD mediante seu grande investimento na feitura do livro didático e na garantia de acesso desse bem público por todos os alunos da educação básica (SILVA, 2014), coadunamos com Choppin (2004) que discute sobre a possibilidade de uso de outros instrumentos paradidáticos, seja para estabelecer uma relação de complementaridade ou de concorrência com o livro, estes acabam influenciando na forma de suas utilizações. Desse modo percebemos a influência na diferenciação de uso do livro didático quando o docente utilizava de outros recursos.

Na EEM Emanuel, o livro didático funcionou como recurso central em todas as aulas observadas, com exceção de algumas em que foram trabalhados outros materiais, os quais, no entanto, não isentaram o livro de seu papel como fonte primária para o desenvolvimento da aula. Ressaltamos, entretanto, que em duas aulas acompanhadas sobre o Renascimento, o livro didático não foi usado como fonte central, tendo sido utilizado impressões com trechos de pensamentos de alguns autores desse movimento cultural que foram responsáveis em levar a discussão em sala. Ademais, se usou de questões com base no livro e desafios para realização de uma dinâmica, data show, notebook para apresentação de síntese do conteúdo estudado em documento Word baseado numa síntese do capítulo do livro didático.

No cotidiano escolar do Liceu de Quixeramobim, destacamos que não houve utilização de outro recurso além do livro didático, quadro e pincel, realidade na qual percebemos um uso centrado nos textos bases/principais do livro didático no livro, sem muitas problematizações e apropriações das diferentes seções constantes neste recurso didático.

Já no Liceu de Banabuiú percebemos uma realidade singular, vista em uma quantidade de aulas significativas onde o livro didático não foi prioritariamente o recurso usado, substituído por exposição de filmes já citados (uso de data show, caixa de som, projetor e notebook) sem nenhum objetivo ou atividade cobrada sobre os mesmos. Ademais houve utilização de músicas, dinâmicas em consonância com o uso do livro didático que despertaram uma maneira mais interativa e geradora de discussão. A canção “Revolução Industrial”, por exemplo, teve sua discussão desenvolvida a partir

de sua letra diretamente ligada a temática do capítulo “A locomotiva em marcha: a revolução industrial.”:

Antes eu vivia no campo na tranquilidade

As coisas mudaram e eu vim para a cidade

A indústria era movida a vapor

Sempre pelo sangue e suor do trabalhador.

Concomitantemente à canção e alguns dos conhecimentos prévios dos alunos gerados a partir da problemática gerada “O que foi a revolução industrial?”, seguido por um silêncio dos estudantes; as professoras, duas estagiárias, articulam pequenos trechos do livro didático como mote de sua aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas três escolas que fizemos a pesquisa, percebemos uma subutilização do livro didático. Dentre seus usos e desusos, encontramos especial atenção dada ao texto-base que compõe o corpo principal no desenvolvimento da temática do capítulo. As demais linguagens, como a iconográfica e a gráfica foram utilizadas em baixíssima quantidade e quando empregada, de maneira descritiva na esmagadora maioria das vezes. As atividades sugeridas nos livros foram pouco desenvolvidas, com exceção daquelas que ofereciam questões mais diretas. Seções foram usadas sempre quando traziam atividades, geralmente com questões mais elaboradas, mas que foram usadas em momentos mais específicos, como a recuperação de nota em Quixeramobim. Choró apresenta um maior uso de seções, comparado aos outros dois municípios, utilização que em sua exceção corroborou para um maior interesse dos alunos na turma de terceiro ano. As atividades em Banabuiú se mostraram as mais diversificadas e interativas se comparada aos demais municípios. Enquanto que em Choró houve a gincana cultural, uma competição de perguntas e respostas, a ideia de uma aula que possa movimentar a turma e elaborar táticas diferenciadas de pesquisa foram pensadas.

O que vemos refletido no uso desse livro é uma dissonância entre o que foi colhido em quantidade e o que foi registrado em nossos diários de bordo. O grande uso

de páginas não corresponde ao bom uso, pelo contrário, uma subutilização com trabalhos descritivos e práticos, que não desenvolvem *a capacidade de julgar e argumentar*, como afirma Rüsen. O que foi analisado sobre o livro didático e suas apropriações é seu emprego como fio condutor das ordens das temáticas ao longo do ano e das aulas, mas que seu corpo de textos, imagens, gráficos e atividades passam por um processo de seleção, na qual a escolha de tais linguagens geram uma clivagem de abordagens didáticas, sendo o texto-base a prioridade, o que isentava a construção de saberes a partir das diversas fontes e linguagens, fato este que nos leva a repensar o processo de ensino e aprendizagem⁵. Tal uso evidencia ainda a frenética atmosfera dos ambientes escolares, embebidos sob metas. Em Quixeramobim, a escolha dos capítulos do livro eram ditadas por competências e temáticas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), bem como o critério de escolha do livro do PNLD que seria adotado a partir do ano seguinte. Em Banabuiú ironicamente, a professora do segundo ano havia escolhido trabalhar apenas dois ou três capítulos do livro didático por bimestre, o que faria uma utilização de mais ou menos metade da obra didática. Essa utilização acabava privando os alunos de determinadas temáticas, visto seu uso parcial de capítulos com temáticas mais oportunas. Tal recorte diferencia-se dos outros colégios analisados, na qual a retirada de alguns capítulos do sumário correspondia a uma quantidade baixa se comparado a Banabuiú, em especial, o segundo ano.

Pensando em todo o que foi analisado, pensamos o livro como objeto cultural⁶, que passa por diversas apropriações e por essa razão, apresenta muitas possibilidades de uso, sendo nem todas eficientes, principalmente quando se pensa as potencialidades do material didático e a educação crítica pela qual compartilhamos nossas perspectivas de

⁵ Os livros didáticos e paradidáticos como fontes, suportes de trabalho, também propiciam o acesso de alunos e professores à compreensão desse universo de linguagens. Incorporando diferentes linguagens ao processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos o nosso conceito de ensino e aprendizagem. (FONSECA, 210, p.10)

⁶ “[...] trata-se de um objeto cultural de difícil definição, por ser obra bastante complexa, que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas” [...]” (BITTENCOURT, 2008, 301)

educação. O livro didático empreendeu nos diversos espaços analisados funções diferentes, mas sempre ocupando uma postura paradoxal: o grande uso para compor a organização das aulas e sua utilização fragmentada não demanda à crítica e o debate, sendo mais objeto de compilação que reflexão. Material de grande importância, mas que precisa ser repensado e conseqüentemente, ressignificado para um melhor tratamento de suas potencialidades e diversificação das abordagens, ainda muito atreladas a nuances expositivas e pouco reflexivas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: contexto, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: a revolução francesa da Historiografia**. – 2ª ed. - São Paulo: UNESP, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Competências e Habilidades. In: **Parâmetros Competências e Habilidades: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - LDB**. Brasília: MEC, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Tradução Ephain Ferreira Alves. 3ª. edição. Petrópolis: Vozes, 1998. Págs. 91-108/259-276.

COTRIM, Gilberto. **História Global, vol. 1, 2, 3**. – 3ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.

CABRAL, Maria Aparecida da Silva. **Livro didático e conhecimento escolar: a proposta de Jonathas Serrano para o ensino de História**. XXIX Simpósio de

História Nacional. Contra os Preconceitos: História e Democracia. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 16.jan.2018.

D'SOUZA, Marcelo Magalhães, APARECIDA, Helenice Bastos Rocha, FERNANDES, Jayme Ribeiro e CIAMBARELLA, Alessandra. Ensino de história: usos do passado, memória e mídia. **O livro didático e o ensino da História**. FGV.

FONSECA, Selva Guimarães. **A História da Educação Básica: Conteúdos, abordagens e Metodologia**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7168-3-4-historia-educacao-basica-selva/file>. Acesso em: 31/01/2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – 54ª ed. – Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. BETO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo, Ática: 1996.

FRANCO, Aléxia Pádua. Uma conta de chegada: A transformação provocada pelo PNLD nos Livros Didáticos de História. In: MAGALHÃES, Marcelo de Souza; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; RIBEIRO, Jayme Fernandes e CIAMBARELLA, Alessandra. **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. 1ª Ed: FGV Editora. 2014.

FRANCO, Aléxia Pádua e ZAMBONI, Ernesta. A apropriação docente dos livros didáticos de História: Entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves e JÚNIOR, Almando Pinto. **Paisagens Da Pesquisa Contemporânea Sobre O Livro Didático De História**. 1ª Ed. Paco editorial, 2013.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1991.

MARTINS, Marcos Leonardo Bomfim Martins. **Ensino, aprendizagem e avaliação em História: múltiplos diálogos**. XXIX Simpósio de História Nacional ANPHU.

Contra os Preconceitos: História e Democracia. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 16/01/2018.

MONTEIRO, Ana Maria. Livros Didáticos de História Para O ensino Médio e as Orientações Oficiais: Processos de Recontextualização e Didatização. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves e JÚNIOR, Almado Pinto. **Paisagens Da Pesquisa Contemporânea Sobre O Livro Didático De História**. 1ª Ed. Paco editorial, 2013. P.209 a 225.

MORAES, Amaury César. **Sociologia: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

MUNAKATA, Kazumir. **Livro Didático como indício da Cultura Escolar**. *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Hist. Educ.* (Online) Porto Alegre v. 20 n. 50 Set./dez., 2016 p. 119-138. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/624037>. Acesso em: 10/ 01/2018.

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA, Mariana. **História para o ensino médio vol. 1, 2, 3.** – 1ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.

RUSEN, Jorn. O livro didático ideal. IN: SCHMIDT, Maria Auxiliadora. [et al.]. **Jorn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e função docente: pluralismo democrático, história e liberdade de ensinar. XXIX Simpósio de História Nacional ANPHU. Contra os Preconceitos: História e Democracia. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso: em fevereiro de 2018.

SILVA, Isaíde Bandeira da Silva. **O livro didático de história no cotidiano escolar**. Curitiba: Appris, 2014.

VAINFAS, Ronaldo [et. Al.] **História, vol. 1, 2, 3.** – 2ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.

VAN ACKER, Maria TerezaViana e BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **Livro de História, Material Didático e formação de professores: Entre práticas e saberes.** XXVIII. Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos desafios, 27 a 31 de Julho de 2015. Florianópolis-SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 14 de jan. 2018.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Michel Cole [et. al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.